

SIMÕES DE ASSIS





SIMÕES DE ASSIS

O Mar Que Eu Sou The Sea That I Am

Antonio Malta Campos | Cícero Dias
João Trevisan | PV Dias | Thalita Hamaoui

abertura opening

quinta, 30 de novembro, 18h às 21h

thursday, november 30, 6pm to 9pm

30.11 - 03.02.2024

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4

88330-260 sc brasil

+55 47 3224-4676

O mar que eu sou

Emblema e enigma: o mar e eu. Entender-se como corpo d'água conforta e assola: provê imagens táteis sobre as conexões pessoais, os desaguamentos, as bifurcações e as nascentes; ao mesmo tempo que se trava um infinito, corpo oscilante em mar aberto cujos limites ultrapassam o horizonte visível. Assim, valendo-se da relação entre um corpo d'água e a subjetividade humana, a psicanálise moderna foi estruturada – Narciso, ao deparar-se com sua imagem refletida na pele de água que contemplava, deslumbrou-se com sua própria aparência. O mito permite também pensarmos em um fluxo análogo, ambíguo, espelhado: o rompante do complexo de autodescobrimento também acontece ao abismar-se com o mar que havia em si, com o infinito que era. A presente exposição reverbera essas inquietações vindas em ondas: “O mar que sou” apresenta trabalhos de cinco artistas brasileiros, em diferentes questionamentos acerca de si e da relação com outras existências.

Thalita Hamaoui apresenta paisagens agravadas pela imaginação, registrando suas intenções gestuais e inquietações quanto à pintura com fluida profusão cromática. Por meio de um embaralhamento de planos, a artista rejeita o automatismo do discurso histórico-pictórico que determina figura e fundo. Diálogos entre cheios e vazios são dosados em uma pintura propositalmente heterogênea, em que corpos densos de bastão a óleo se relacionam em harmonia com planos em cores extremamente diluídas a evidenciar a tela crua. Desse modo, linhas sugerem horizontes ao mesmo tempo que propõem outras perspectivas, com planos entremeados que podem ser lâminas de água, trechos celestes, pedaços de solo ou apenas corpos de cor, sem intenção representacional ou mimética. Hamaoui aponta para a ambiguidade de elementos abstratos tenderem, em compreensões usuais, para aproximações a seres botânicos e biológicos, como se a complexidade de fluxos conceituais fosse represada por assimilações naturais.

É válida, portanto, a leitura de cada elemento visual nas pinturas da artista como traço autobiográfico, sem obrigação com a fidedignidade natural, mas com íntimo compromisso com a investigação de si mesma.

As indistinções propositais entre organismos que sugerem configurações biológicas e resultados de operações geométricas abstratas também se fazem presentes na obra de Antonio Malta Campos. O pintor paulistano expressa, através de profunda erudição, experimentos pictóricos que se conectam com as múltiplas manifestações de vida e de existência, em cores marcantes e linhas sinuosas. O engenho de uma poética sempre cambiante reflete questionamentos existenciais pessoais a serem respondidos pela plataforma da pintura, embora transdisciplinarmente atravessante, a invadir a filosofia, a semiótica e a literatura a fim de tornar a pintura impura.

As interseções dos caminhos da água e das reescritas da história social na Amazônia são interesses do artista belenense PV Dias. A música paraense, em suas complexidades tecnológica e rítmicas, funde o agito do ritmo caribenho e de sua influência afro diaspórica com tradições musicais indígenas e sampleados digitais. Os ímpetos musicais que se caracterizam como música brasileira na metade do século 20, como o samba e a bossa nova – e reverberações posteriores, como a tropicália –, eram potentes no sudeste brasileiro. As ondas de rádio que chegavam ao Pará vinham predominantemente da América Central e de países ao norte do Equador, como a Colômbia e a Guiana Francesa, já que as rádios de São Paulo e do Rio de Janeiro eram geograficamente mais distantes. Dias analisa esse hibridismo cultural codificado ao investigar as conexões dos rios da bacia amazônica: as laterais das telas iluminam como as lâmpadas LED das aparelhagens de tecnobrega; as raízes de vitória-régia tornam-se cabos de som em amplificadores; os pássaros se comportam como alto-falantes de rádios em postes nas cidades da região; os cipós das árvores remetem ao entremeado das redes de internet.

As paisagens de João Trevisan refletem sobre a introspecção pessoal materializada em horizontes fabulados. O artista brasileiro se relaciona com a terra a partir de seus vínculos com o budismo e sua formação com a geografia, entrelaçando sistemas técnicos ocidentais com tradições artísticas orientais – a possibilidade de refletir sobre o horizonte na verticalidade, por exemplo, como em biombos sanfonados asiáticos. A partir de memórias familiares, como viagens à serra ou a morte do pai, o artista propõe pinturas de agudas montanhas que cercam um lago, criando lugares de contemplação e proteção. Esse refúgio aproxima-se da busca de plenitude mental por serem reverberações da obra abstrata de Trevisan, cujas pinturas são compostas por dezenas de camadas de base, tinta a óleo e velaturas em encáustica, todas essas espaçadas por longos dias de processo. As cerdas dos pincéis criam minúsculos vales e montes de tinta onde a luz interage de modo quase tátil, demandando tempo do observador, assim como posto na fatura das obras.

Ao apresentar uma pintura híbrida entre retrato e paisagem, Cícero Dias anuncia a integração do ambiente como parte constituinte de si. As águas sempre o embalaram: a costa pernambucana, onde nasceu; a Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, que se encontrava ao fundo de sua primeira exposição em 1928 com Tarsila do Amaral, Ismael Nery e Di Cavalcanti; o oceano Atlântico, que o levou à Europa e o fez dialogar com as vanguardas artísticas ocidentais; o rio Sena, em Paris, segundo lar de Dias, onde faleceu décadas depois, consolidando um incontornável legado.

A excitação do mar como portal e caminho, protagonista constante em sua obra, sempre o motivou. Na histórica pintura presente nessa exposição, a alegoria do autorretrato ladeia a visão da malha urbana de Olinda, como se vista à distância, em partida, em sopros que a desvanecem no canto superior direito. O sonho flui em água e volta em memória, numa esperança ambígua de partida e de reencontro.

Os trabalhos da exposição se entrecruzam, em relações estabelecidas pelo observador que se materializam como reflexos de suas próprias experiências, afinidades e memórias. O mar, sem-fim de chuva turva ou manancial de água cristalina, se oferece como ferramenta alargadora a prover respostas a perguntas sempre mutáveis, cuja efemeridade não diminui sua importância. Ao observar as obras, similarmente à fluidez das águas, fluxos de consciência penetram caminhos de introspecção, em constante inserção do mundo, em incessante colisão consigo mesmo.

Mateus Nunes



The sea that I am

Emblem and enigma: the sea and me. To understand oneself as a body of water comforts and devastates: it provides tactile images about personal connections, drainages, forks and springs; at the same time as an infinite, oscillating body in the open sea whose limits exceed the visible horizon. Thus, using the relationship between a body of water and human subjectivity, modern psychoanalysis was structured – Narcissus, when faced with his image reflected in the water he was contemplating, was dazzled by his own appearance. The myth also allows us to think of an analogous, ambiguous, mirrored flow: the burst of the self-discovery complex also happens when he plunges into the sea that was within himself, with the infinite that he was. The present exhibition reverberates these concerns coming in waves: “The sea that I am” presents works by five Brazilian artists, in different questions about themselves and their relationship with other existences.

Thalita Hamaoui presents landscapes heightened by imagination, recording her gestural intentions and concerns regarding painting with fluid chromatic profusion. Through a shuffling of planes, the artist rejects the automatism of the historical-pictorial discourse that determines figure and background. Dialogues between fullness and emptiness are dosed in a purposefully heterogeneous painting, in which dense bodies of oil stick relate in harmony with planes of extremely diluted colors, highlighting the raw canvas. In this way, lines suggest horizons while also proposing other perspectives, with interspersed planes that can be sheets of water, celestial stretches, patches of soil or just bodies of color, without representational or mimetic intention. Hamaoui points to the ambiguity of abstract elements tending, in usual understandings, towards approximations to botanical and biological beings, as if the complexity of conceptual flows were dammed by natural assimilations.

It is valid, therefore, to read each visual element in the artist's paintings as an autobiographical trait, with no obligation to natural reliability, but with an intimate commitment to the investigation of herself.

The intentional indistinctions between organisms that suggest biological configurations and the results of abstract geometric operations are also present in the works of Antonio Malta Campos. The painter from São Paulo expresses, through profound erudition, pictorial experiments that connect with the multiple manifestations of life and existence, in striking colors and sinuous lines. The dynamics of ever-changing poetics reflect personal existential questions to be answered through the platform of painting, transdisciplinary, invading philosophy, semiotics and literature in order to make painting impure.

The intersections of water paths and the rewriting of social history in the Amazon are interests of the artist PV Dias. Pará music, in its technological and rhythmic complexities, merges the excitement of Caribbean rhythms and its Afro-diasporic influences with indigenous musical traditions and digital sampling. The musical impulses that characterize Brazilian music in the mid-20th century, such as samba and bossa nova – and later reverberations, such as *tropicália* – were powerful in southeastern Brazil. The radio waves that reached Pará came predominantly from Central America and countries north of the Equator, such as Colombia and French Guiana, as the radio stations in São Paulo and Rio de Janeiro were geographically more distant. Dias analyzes this codified cultural hybridity by investigating the connections of the rivers of the Amazon basin: the sides of the screens light up like the LED lamps of *tecnobrega* stereos; water lily roots become sound cables in amplifiers; the birds behave like radio speakers on poles in the region's cities; the vines on the trees refer to the intermingling of internet networks.

João Trevisan's landscapes reflect on personal introspection materialized in fabled horizons. The artist from Brasília relates to the land based on his links with Buddhism and his education in geography, intertwining Western technical systems with Eastern artistic traditions – the possibility of reflecting on the horizon vertically, for example, as in Asian accordion screens. Based on family memories, such as trips to the mountains or the death of his father, the artist proposes paintings of sharp mountains that surround a lake, creating places of contemplation and protection. This refuge comes close to the search for mental plenitude because they are reverberations of Trevisan's abstract work, whose paintings are composed of dozens of layers of base, oil paint and encaustic coats, all spaced out over a long process that lasts for days. The bristles of the brushes create tiny valleys and mounds of paint where the light interacts in an almost tactile way, requiring time from the observer, as well as what is included in the making of the works.

By presenting a hybrid painting between portrait and landscape, Cícero Dias announces the integration of the environment as a constituent part of himself. The waters have always rocked him: the coast of Pernambuco, where he was born; the Guanabara Bay, in Rio de Janeiro, which was in the background of his first exhibition in 1928 with Tarsila do Amaral, Ismael Nery and Di Cavalcanti; the Atlantic Ocean, which took him to Europe and made him dialogue with Western artistic avant-gardes; the River Seine, in Paris, Dias' second home, where he died several decades later, consolidating an unavoidable legacy.

The excitement of the sea as a portal and path, a constant protagonist in his work, has always motivated him. In the historic painting presented in this exhibition, the allegory of the self-portrait flanks the view of Olinda's urban fabric, as if seen from a distance, in departure, in breaths that fade in the upper right corner. The dream flows in water and returns in memory, in an ambiguous hope of departure and reunion.

The works in the exhibition intertwine in relationships established by the observer, materialized as reflections of their own experiences, affinities and memories. The sea, an endless stream of turbid rain or a spring of crystal-clear water, offers itself as an expanding tool to provide answers to ever-changing questions, whose ephemerality does not diminish their importance. When observing the works, like the fluidity of waters, flows of consciousness penetrate paths of introspection, in constant insertion of the world, in incessant collision with oneself.

Mateus Nunes

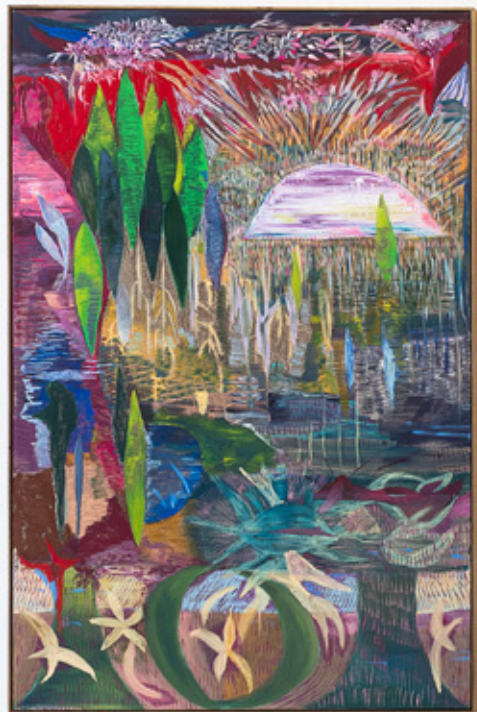


Thalita Hamaoui (São Paulo, 1981) formou-se em artes plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, em 2006, sob a orientação de Sandra Cinto, com pesquisa no campo da escultura. Integrou grupos de estudos e acompanhamento com artistas como Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi e Regina Parra, além de ter participado, em 2018, do programa de residência artística do Pivô. No início de sua trajetória, dedicou-se longamente à estamparia, atividade que sempre a influenciaria. Foi com o design têxtil que suas formas orgânicas começaram a surgir, sendo seu principal interesse a dedicação demorada ao desenho e às cores dos tingimentos. Em 2013, Hamaoui dedicou sua pesquisa à pintura, por meio da aquarela e do guache. Todavia, foi na experimentação com tinta a óleo que a artista atingiu a potência de sua gestualidade. Em seus primeiros trabalhos com a técnica, elementos como casas e pessoas ainda habitavam formalmente as composições, mas sempre de maneira secundária – a paisagem completamente tomada pela natureza já era sua personagem central. Essas paisagens que ainda hoje constrói são fantásticas, quase delirantes, nas quais formas orgânicas se apresentam em cores intensas e camadas de diferentes texturas, criando uma atmosfera inebriante.

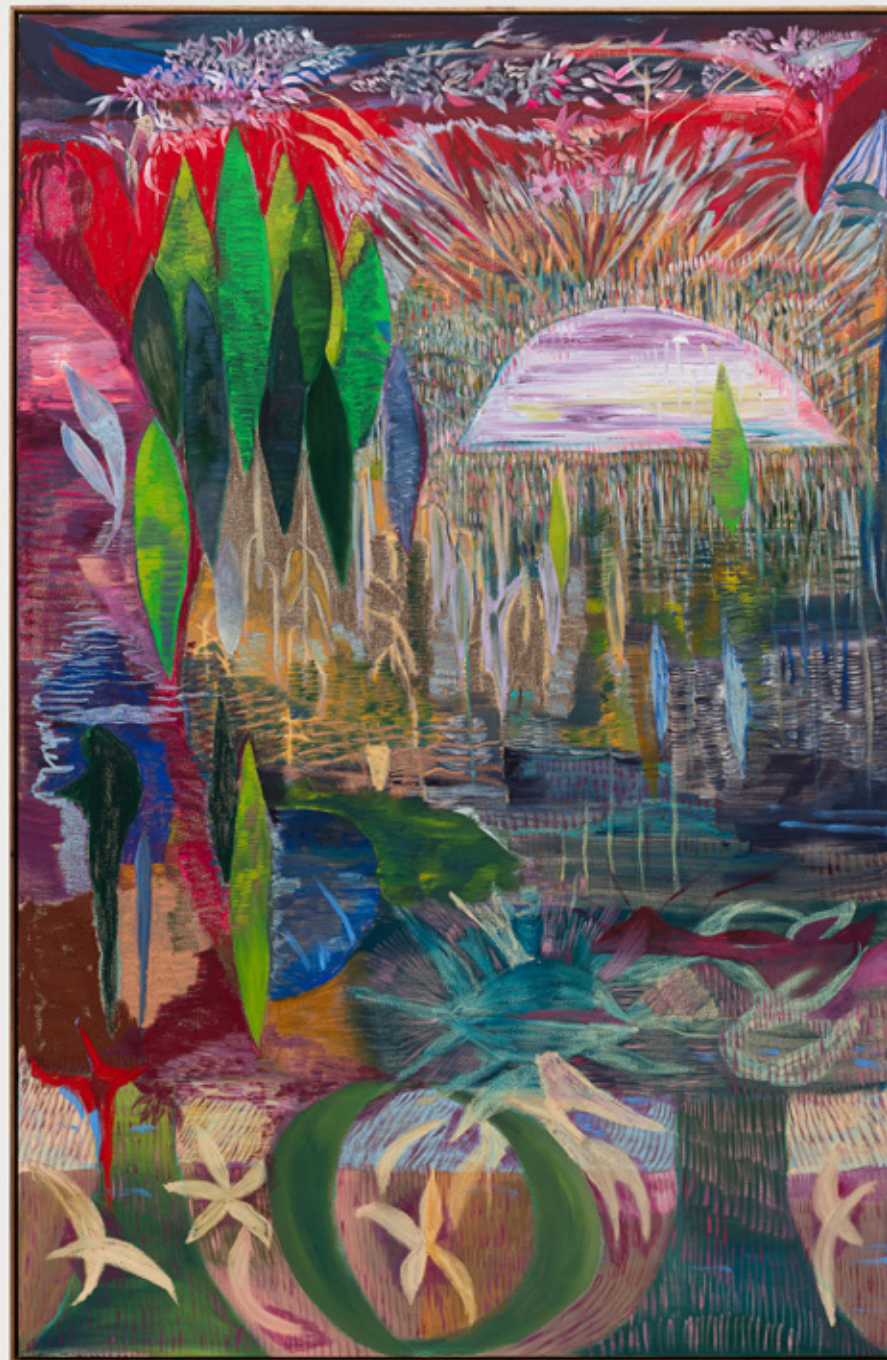
A artista foi selecionada pelo edital do Centro Cultural São Paulo de 2017, realizando "Um Passo Irreparável", sua primeira exposição individual. Entre outras mostras solo estão "Gaia: seu corpo, sua carne, seu sopro", Simões de Assis, São Paulo (2023); "Virá", Simões de Assis, Curitiba (2022); "A Borda do Mundo" (2020), Galeria Nave, Lisboa; e "Oferenda", no ateliê Marilá Dardot, Lisboa. Dentre participações em coletivas destacam-se "Mãe", 55 SP Espaço Cama, São Paulo (2022); "Mothering", Kupfer Project, Londres (2022); "Emotional Landscapes", Taller Zaragoza, São Paulo (2021); "Um retrato para um novo mundo", Casa da Luz, São Paulo (2021); "Mutirão", NowHere, Lisboa (2021); "The Land of No Evil", Off Shoot Gallery, Londres (2019); "Infinitess", Lazy Susan Gallery, Nova York (2019); "Zona de coexistência", NowHere, Lisboa (2019); "Áurea", LÁFF, Hamburgo (2018); e "Procession", Folley Gallery, Nova York (2016).

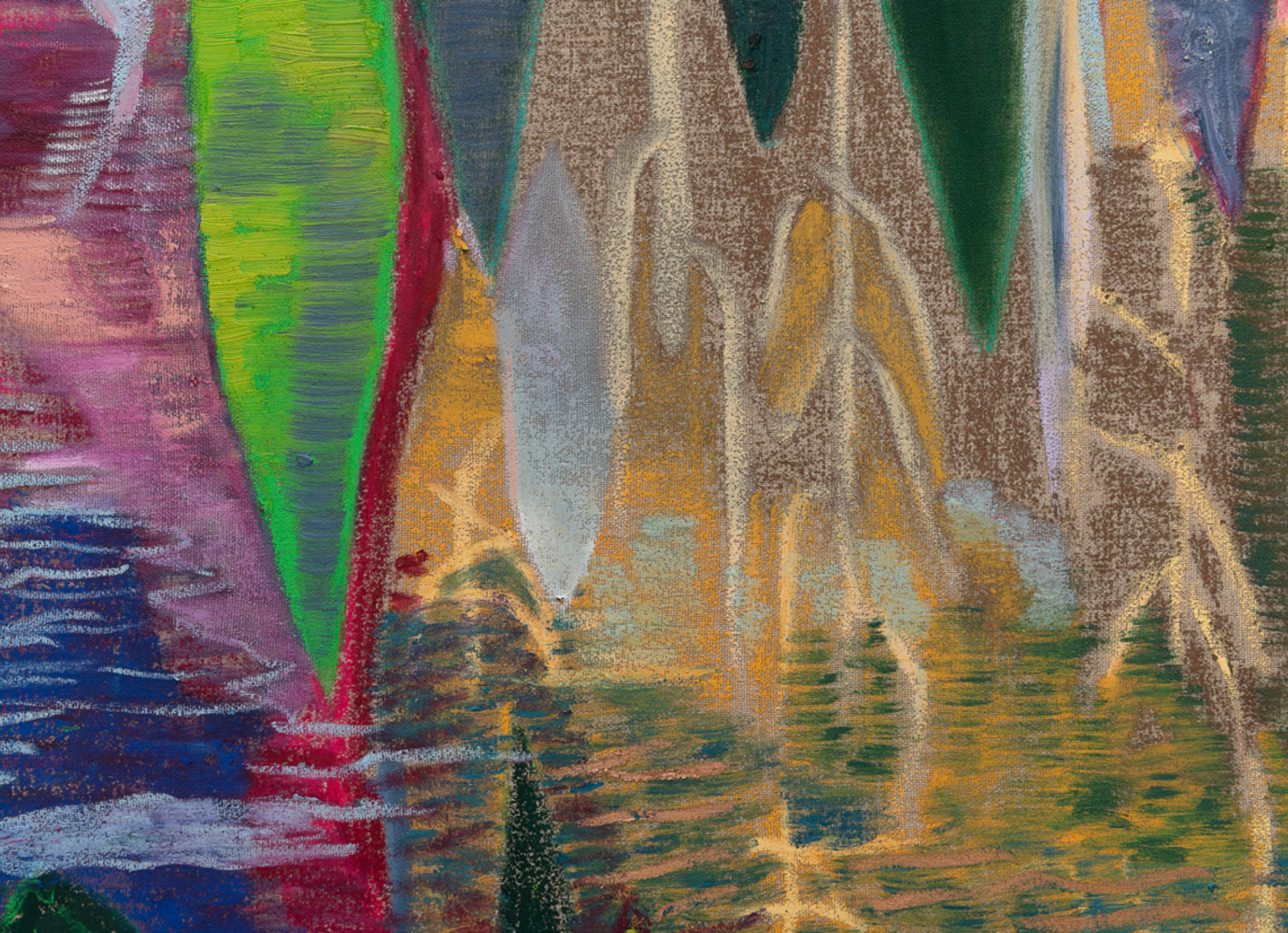
Thalita Hamaoui (São Paulo, Brazil, 1981) graduated in Fine Arts at Fundação Armando Alvares Penteado, in 2006, under the guidance of Sandra Cinto, with research in the field of sculpture. She was part of study and monitoring groups with artists such as Bruno Dunley, Marco Gianotti, Rodolpho Parigi and Regina Parra, in addition to having participated, in 2018, in the Pivô artistic residency program. At the beginning of her career, she dedicated herself to cloth printing for a long time, an activity that would always influence her. It was with textile design that his organic forms began to emerge, his main interest being his time-consuming dedication to drawing and dyeing colors. In 2013, Hamaoui dedicated his research to painting, using watercolor and gouache. However, it was through experimentation with oil paint that the artist achieved the power of her gestures. In his first works with the technique, elements such as houses and people still formally inhabited the compositions, but always in a secondary way – the landscape completely taken over by nature was already its central character. These landscapes that she still builds today are fantastic, almost delirious, in which organic shapes are presented in intense colors and layers of different textures, creating an intoxicating atmosphere.

The artist was selected by Centro Cultural São Paulo in 2017, holding "Um Passo Irreparável", her first solo exhibition. Among other solo exhibitions are "Gaia: her body, her flesh, her breath", Simões de Assis, São Paulo (2023); "Virá", Simões de Assis, Curitiba (2022); "A Borda do Mundo" (2020), Galeria Nave, Lisbon; and "Oferenda", at the Marilá Dardot studio, Lisbon. Participations in collectives include "Mãe", 55 SP Espaço Cama, São Paulo (2022); "Mothering", Kupfer Project, London (2022); "Emotional Landscapes", Taller Zaragoza, São Paulo (2021); "A portrait for a new world", Casa da Luz, São Paulo (2021); "Mutirão", NowHere, Lisbon (2021); "The Land of No Evil", Off Shoot Gallery, London (2019); "Infinitess", Lazy Susan Gallery, New York (2019); "Zone of coexistence", NowHere, Lisbon (2019); "Áurea", LÁFF, Hamburg (2018); and "Procession", Folley Gallery, New York (2016).



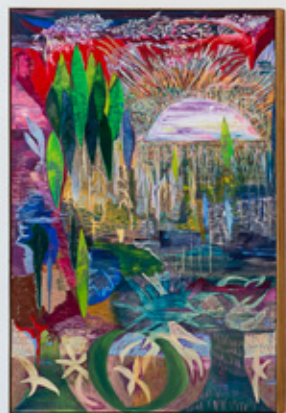
Thalita Hamaoui
Espada de Jorge, 2023
óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oil stick on canvas
200 x 130 cm
78 ⁴⁷/₆₄ x 51 ³/₁₆ in







Thalita Hamaoui
A Chegada, 2023
óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oil stick on canvas
140 x 200 cm
55 1/8 x 78 47/64 in



Cícero Dias



Cícero Dias (Escada, 1907 – Paris, 2003). Um ícone da arte moderna brasileira, nasceu em Pernambuco em 1907 e viveu o século XX em sua plenitude. Falecido em 2003, seu corpo mortal repousa em Paris, no lendário cemitério de Montparnasse, junto às glórias da França, mas, sua obra imortal paira, eternizada, além do oceano, sobre a grandeza do Brasil.

Revelado em 1928, na sua primeira exposição no Rio de Janeiro, destacou-se ao lado de Tarsila do Amaral, Ismael Nery e Di Cavalcanti, integrantes da Semana de Arte Moderna de 22. Em 1937, mudou-se para Paris e aproximou-se da vanguarda europeia, entre eles Picasso, Léger e o poeta Paul Éluard, que sobre ele escreveu: Eu encontrei Cícero Dias, o brasileiro, na casa de Pablo Picasso, o espanhol. É Paris que lhes conserva suas luzes, sua razão de ser: a luz do Brasil, a luz da Espanha, a exuberância o rigor.

Com a guerra, instala-se em Lisboa em 1942 e sua obra passa por uma mudança radical. Simplifica o desenho, usa pinceladas fortes, tonalidades e cores intensas que o leva a despedir-se da figuração, a caminho da abstração. Seu abstracionismo, é vibrante, quente e luminoso, próximo à Kandinsky. Em 1945, retorna à Paris e integra-se à Escola de Paris, ao Groupe Espace e à Galerie Denise René. “No Brasil, o movimento construtivista só começou ao final da década de 1940. Seu verdadeiro e primeiro pioneiro foi Cícero Dias que em 1946, na capital francesa, começou pintar telas rigorosamente geométricas”. Afirma o crítico Antonio Bento. É autor dos primeiros murais de arte abstrata da América Latina. Em 1949, participou da inauguração do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Na década de 1950, teve intensa participação em mostras internacionais, entre elas: XXV Bienal Internacional de Veneza; 1ª Bienal Internacional de São Paulo; Salão de Maio no Musée d’Art Moderne de Paris; exposição do Groupe Espace no Musée de Biot, na França e Escola de Paris, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museo de Arte Moderno de Buenos Aires. Sala Especial no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Bruxelas, em 1958. Em 1960 participa da mostra Artistas Brasileiros no Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris.

A obra de Cícero Dias, uma das mais intrigantes e inexplicáveis da arte brasileira, tem sido cada vez mais objeto de estudos em simpósios e teses em universidades brasileiras e do exterior. Tanto o período de sua fase modernista quanto o período abstrato da época de sua participação na École de Paris já foram objetos de amplos estudos acadêmicos e teóricos, que lhes rendeu incontestável reconhecimento no âmbito nacional e internacional. Cícero Dias, possui obras em museus, instituições e destacadas coleções particulares na Europa, Estados Unidos e Brasil, entre eles: Centre Georges Pompidou, Paris; Museum of Fine Arts, Houston, USA; Fundación Cisneros-Colección Patricia Phelps de Cisneros, New York, USA; Musée André Malraux, Le Havre, França; Collection Claude Picasso, Paris, França; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Espanha; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Fundação Roberto Marinho, Rio de Janeiro; Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro; Coleção Luís Antonio Almeida Braga, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de São Paulo; Museu de Arte Brasileira da FAAP, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo e Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.

Cícero Dias (Escada, 1907 – Paris, 2003). An icon of modern Brazilian art, was born in Pernambuco in 1907 and lived the 20th century to the full. Deceased in 2003, his mortal body rests in Paris, in the legendary Montparnasse cemetery, next to the glories of France, but his immortal work hangs, eternalized, beyond the ocean, on the greatness of Brazil.

Revealed in 1928, in his first exhibition in Rio de Janeiro, stood out alongside Tarsila do Amaral, Ismael Nery and Di Cavalcanti, members of the 1922 Modern Art Week. In 1937, he moved to Paris and approached the European avant-garde, among them Picasso, Léger and the poet Paul Éluard, who wrote about him: “I met Cicero Dias, the Brazilian, at Pablo Picasso’s, the Spanish. It is Paris that keeps their lights, their reason for being: the light of Brazil, the light of Spain, the exuberance, the rigor.”

Due to the war, he settled in Lisbon in 1942, and its work goes for a radical change. He simplifies the drawing, uses strong strokes, shades and intense colors that lead him to give a farewell to figuration on the way to abstraction. His abstractionism is vibrant, warm and luminous, close to Kandinsky. In 1945, he returned to Paris and joined the Paris School, Groupe Espace and the Galerie Denise René. “In Brazil, the constructivist movement began only at the end of the 1940s. Its true pioneer was Cicero Dias, who in 1946, in the French capital, began painting rigorously geometric canvases”, as the critic Antonio Bento affirms. He is the author of the first abstract art murals in Latin America. In 1949, he participated in the inauguration of the Museum of Modern Art of São Paulo.

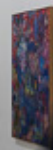
In the 1950s he had an intense participation in international exhibitions, among them: XXV and XXVI Venice International Biennial; 1st São Paulo International Biennial; May Salon at the Musée d’Art Moderne in Paris; Groupe Espace exhibition at the Musée de Biot, in France and School of Paris, at the Museum of Modern Art in São Paulo and Museo de Arte Moderno de Buenos Aires. Special Room in the Brazilian Pavilion at the Universal Exhibition in Brussels, in 1958. In 1960 he participates in the Brazilian Artists exhibition at the Musée d’Art Moderne de la Ville in Paris.

The work of Cícero Dias, one of the most intriguing and inexplicable in Brazilian art, has been increasingly the subject of studies at symposia and theses at Brazilian and foreign universities. Both the period of its modernist phase and the abstract period of the time of its participation in the École de Paris have already been the subject of extensive academic and theoretical studies, which has earned them undeniable recognition at the national and international levels. Cícero Dias, has works in museums, institutions, and prominent private collections in Europe, the United States, and Brazil, among them: Centre Georges Pompidou, Paris; Museum of Fine Arts, Houston, USA; Fundación Cisneros-Colección Patricia Phelps de Cisneros, New York, USA; Musée André Malraux, Le Havre, France; Collection Claude Picasso, Paris, France; Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, Madrid, Spain; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina; Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Fundação Roberto Marinho, Rio de Janeiro; Gilberto Chateaubriand Collection, Rio de Janeiro; Luís Antonio Almeida Braga Collection, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de São Paulo; Museu de Arte Brasileira da FAAP, São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo and Museu Oscar Niemeyer, Curitiba.



Cícero Dias
Sem Título, déc. 1970
óleo sobre tela
oil on canvas
65 x 54 cm
25 ¹⁹/₃₂ x 21 ¹⁷/₆₄ in









PV Dias

PV Dias (Belém, 1994) nasceu em Belém do Pará e vive no Rio de Janeiro. Graduado em Comunicação Social, é mestre em Ciências Sociais na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e tem formação pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no programa Formação e Deformação do ano de 2019. Sua pesquisa versa sobre a estruturação das imagens de um território e em possíveis rasuras nessa estruturação. Junto a essa frente, inicia-se também um trabalho sobre intervenções em violências coloniais dos lugares por onde o artista percorre captando registros sobre lugares que se dividem entre Amazônia e o sudeste do Brasil. Dias propõe, por meio da pintura, da fotografia e das artes digitais, dinâmicas de reoperar cânones artísticos e vícios historiográficos e sociais. Dias apresenta realidades que conflitam com um imaginário fruto do senso comum imbuído de exotismos e estrangeirismos. Esses estereótipos geralmente perpetuam uma leitura da Amazônia como território ermo, sempre na periferia da modernidade. O artista apresenta formas de pensar uma Amazônia digital, em que os fluxos são ditados tanto pelos rios quanto pela nuvem virtual.

Seu trabalho participou de dezenas de exposições, com destaque para: "FUNK: Um grito de ousadia e liberdade", Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro (2023); 1ª Bienal das Amazônias, Belém (2023); "Máscaras, pra que te quero?", Museu da República, Rio de Janeiro (2023); "Máscara, maré, memória", Lima Galeria, São Luís (2023); "Zil Zil Zil", Centro Hélio Oiticica, Rio de Janeiro (2022); "Warmth", One Gee in Fog, Genebra (2022); "Casa Carioca", Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro (2022); e Salão Arte Pará 2022, Belém (2022), onde foi premiado e indicado à residência na Pivô Arte e Pesquisa, em São Paulo, em andamento. Seu trabalho integra os acervos do Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro; Coleção Amazoniana da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém; Casa Niemeyer, Brasília; e Museu d'Água, Belém.

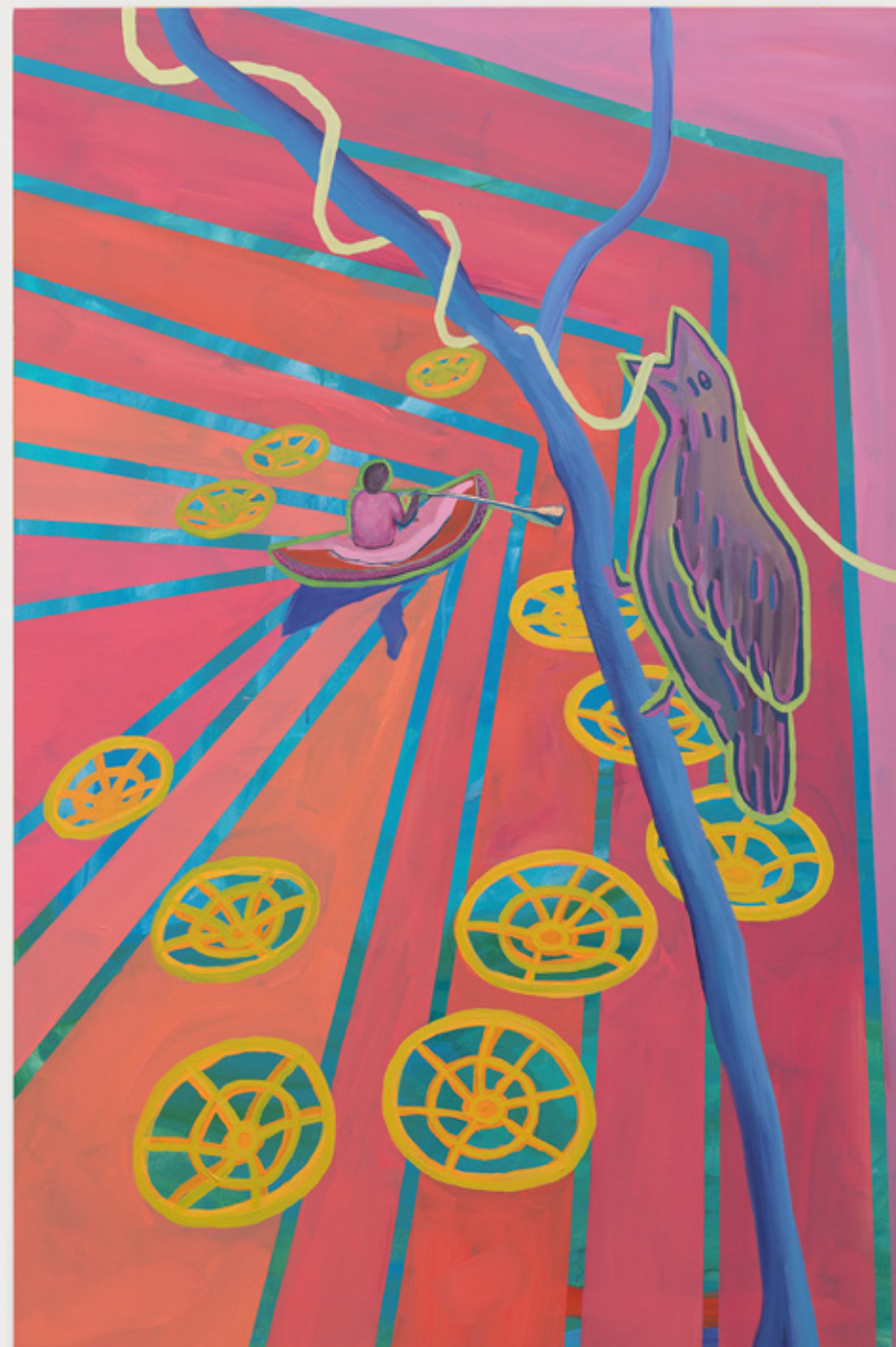
PV Dias (Belém, Brazil, 1994) was born in Belém do Pará and lives in Rio de Janeiro. Graduated in Social Communication, Dias holds a master's degree in Social Sciences at the Federal Rural University of Rio de Janeiro and training at the Escola de Artes Visuais do Parque Lage, in the Formation and Deformation program in 2019. His research deals with the structuring of images of a territory and possible erasures in this structure. Dias' work also begins on interventions in colonial violence in the places where the artist travels, capturing records about places that are divided between the Amazon and southeastern Brazil. Dias proposes, through painting, photography and digital arts, dynamics of reoperating artistic canons and historiographical and social vices. The artist presents realities that conflict with an imaginary fruit of common sense imbued with exoticisms and foreignisms. These stereotypes generally perpetuate a reading of the Amazon as a desert territory, always on the periphery of modernity. The artist presents ways of thinking about a digital Amazon, in which flows are dictated by both rivers and the virtual cloud.

His work has participated in dozens of exhibitions, notably: "FUNK: um grito de ousadia e liberdade", Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro (2023); 1st Amazon Biennial, Belém (2023); "Máscaras, pra que te quero?", Museu da República, Rio de Janeiro (2023); "Máscara, maré, memória", Lima Galeria, São Luís (2023); "Zil Zil Zil", Centro Hélio Oiticica, Rio de Janeiro (2022); "Warmth", One Gee in Fog, Geneva (2022); "Casa Carioca", Rio Art Museum (MAR), Rio de Janeiro (2022); and Salão Arte Pará 2022, Belém (2022), where he was awarded and nominated for an ongoing residency at Pivô Arte e Pesquisa, in São Paulo. His work is part of the collections of the Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro; Amazonian Collection of the Federal University of Pará (UFPA), Belém; Casa Niemeyer, Brasília; and Museu d'Água, Belém.

PV Dias
FM. Vitória-régia: portal sonoro, da série Rádios-cipós, 2023
acrílico sobre tela
acrylic on canvas
150 x 100 cm
59 1/16 x 39 3/8 in



PV Dias
AM. Vitória-régia: portal sonoro, da série Rádios-cipós, 2023
acrílica sobre tela
acrylic on canvas
150 x 100 cm
59 1/16 x 39 3/8 in









Antonio Malta Campos

Antonio Malta Campos (São Paulo, 1961) é um dos artistas centrais do núcleo paulista da celebrada Geração 80. Malta fez parte da primeira formação do ateliê Casa 7, de 1982 a 1983. Na sequência, o artista integrou outro ateliê, de estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde estudava. A primeira exposição de Malta, "Apto 13", ocorreu em 1985, no Centro Cultural São Paulo, em conjunto com a artista Maína Costales Junqueira. Em seu trabalho, Malta explora inquietações da forma e do meio pictórico, que se cruzam e se dilatam, a partir dos seus conhecimentos e estudos, nos vários suportes e técnicas que o artista utiliza. Nas suas "Misturinhas", o artista mantém uma prática cotidiana, com abertura para experiências e ensaios, incluindo a colagem. Em suas telas de grandes dimensões, nos deparamos com aspectos que atravessam tempos e espaços, sua pintura exala uma pesquisa visual que envolve ironia e anamorfismo carregados de muita liberdade cromática. Os eventuais resquícios de paradigmas artísticos modernos, europeus ou norte-americanos, se mostram transfigurados, em uma subversão da linguagem pictórica regida pela lei dos trópicos, a Antropofagia.

Destacam-se, entre suas recentes exposições institucionais, as 33ª (2018) e 32ª (2016) edições da Bienal de Arte de São Paulo; Pangaea: "New Art From Africa and Latin America", Saatchi Gallery, Londres (2014); e "Antonio Malta e Erika Verzutti", Centro Cultural São Paulo, São Paulo (2012). O trabalho do artista está presente em museus e coleções privadas, como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; Saatchi Collection, Londres; Olor Visual, Barcelona; Coleção Andréa e José Olympio Pereira, São Paulo.

Antonio Malta Campos (São Paulo, Brazil, 1961) is one of the central artists of the São Paulo nucleus of the celebrated Geração 80. Malta was part of the first formation of the Casa 7 studio, from 1982 to 1983. Subsequently, the artist joined another studio, made up of students from Faculty of Architecture and Urbanism at the University of São Paulo, where he studied. Malta's first exhibition, "Apto 13", took place in 1985, at the Centro Cultural São Paulo, together with the artist Maína Costales Junqueira. In his work, Malta explores concerns about form and the pictorial medium, which intersect and expand, based on his knowledge and studies, in the various supports and techniques that the artist uses. In his "Misturinhas", the artist maintains a daily practice, open to experiments and rehearsals, including collage. In his large canvases, we come across aspects that cross time and space, his painting exudes a visual research that involves irony and anamorphism loaded with a lot of chromatic freedom. Any remnants of modern artistic paradigms, European or North American, are transfigured, in a subversion of the pictorial language governed by the law of the tropics, Anthropophagy.

Among its recent institutional exhibitions, the 33rd (2018) and 32nd (2016) editions of the São Paulo Art Biennial stand out; Pangaea: "New Art From Africa and Latin America", Saatchi Gallery, London (2014); and "Antonio Malta and Erika Verzutti", Centro Cultural São Paulo, São Paulo (2012). The artist's work is present in museums and private collections, such as Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; Saatchi Collection, London; Olor Visual, Barcelona; Andréa and José Olympio Pereira Collection, São Paulo.

Antonio Malta Campos
Órgão, 2020
óleo sobre tela
oil on canvas
40,3 x 30,3 cm
15 3/4 x 11 1/8 in



Antonio Malta Campos
Figura Cubista, 2020
óleo sobre tela
oil on canvas
40,3 x 30,3 cm
15 3/4 x 11 1/8 in





Antonio Malta Campos
Sem Título, 2016
óleo sobre tela
oil on canvas
42 x 33 cm
16 ¹⁷/₃₂ x 12 ⁶³/₆₄ in







PV Dias

Módulo rádio-cipó no entrelace do Rio Cupijó,

Baixo Tocantins, da série Rádios-cipós, 2023

acrílica, alfinete e pigmento mineral sobre papel algodão

Hahnemühle Photo Rag 308g

acrylic, pin and mineral pigment on Hahnemühle

Photo Rag 308g cotton paper

43 x 43 cm (com moldura)

16 ⁵⁹/₆₄ x 16 ⁵⁹/₆₄ (with frame)



PV Dias

Victória-régia sound: o portal sonoro,

Baixo Tocantins, da série Rádios-cipós, 2023

acrílica, alfinete e pigmento mineral sobre papel algodão

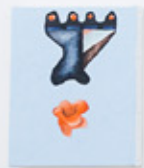
Hahnemühle Photo Rag 308g

acrylic, pin and mineral pigment on Hahnemühle

Photo Rag 308g cotton paper

43 x 43 cm (com moldura)

16 ⁵⁹/₆₄ x 16 ⁵⁹/₆₄ (with frame)





Thalita Hamaoui
O Centro, 2023
óleo e bastão oleoso sobre tela
oil and oil stick on canvas
135 x 155 cm
53 ⁵/₃₂ x 61 ¹/₃₂ in



Antonio Malta Campos
Pipoca, 2022
óleo sobre tela
oil on canvas
42 x 33 cm
16 ¹⁷/₃₂ x 12 ⁶³/₆₄ in







João Trevisan



João Trevisan (Brasília, 1986) desenvolve sua produção artística em pintura, escultura e performance. Graduado em Direito e em Geografia, Trevisan começou sua trajetória artística em 2014. Objetiva explorar questões relativas a objetos e materiais em suas expressões através de observação atenta. Entrelaçando os campos da pintura e da escultura, em reoperações de um legado da arte abstrata brasileira, propõe um hibridismo de plataformas quando compõe pinturas com corpos de madeira que os ladeiam, explorando as possibilidades de abertura do aspecto bidimensional da pintura para um espaço tridimensional, exigindo o mesmo nível de tempo do observador que o longo período de produção dos trabalhos.

Entre suas exposições individuais, destacam-se: "O dorso do tigre", Galeria Raquel Arnaud, São Paulo (2023); "Corpo e alma", Museu de Arte Sacra de São Paulo, São Paulo (2021); "Das conversas noturnas", Galeria Raquel Arnaud, São Paulo (2021); "Da repetição ao silêncio", FORO.space, Bogotá (2020); "Das noites uma livre sensação", Central Galeria, São Paulo (2020); "Das noites percorridas", Galeria Karla Osório, Brasília (2020); "Corpo, trajeto", Instituto Adelina, São Paulo (2019); "Corpo, breve instante", Galeria Karla Osório, Brasília (2019), e "Descarrilho", Decurators, Brasília (2018). Trevisan participou de dezenas de exposições coletivas nos Estados Unidos, no Egito e no Brasil, com destaque para: "Um dia abri os olhos e era Brasília", Museu de Arte de Brasília, Brasília (2022); "Forever is now", Art d'Egypte, Cairo (2021); "O sertão", Slag Gallery, Nova York (2021); "A substância da terra: o sertão", Museu Nacional da República, Brasília (2020); e "Brasília extemporânea", Casa Niemeyer, Brasília (2018). Participou de programas de residência artística em Nova York e em São Paulo, além de ser indicado ao Prêmio PIPA nas edições de 2019 e 2020. Seu trabalho integra coleções de relevantes instituições artísticas, como Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; Museu Nacional da República, Brasília; Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro; Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto; Museu de Artes Plásticas de Anápolis, Anápolis; e Casa de Cultura da América Latina, Brasília.

João Trevisan (Brasília, Brazil, 1986) develops his artistic production in painting, sculpture and performance. Graduated in Law and Geography, Trevisan began his artistic career in 2014. He aims to explore issues relating to objects and materials in their expressions through close observation. Intertwining the fields of painting and sculpture, in reoperations of a legacy of Brazilian abstract art, he proposes a hybridism of platforms when he composes paintings with wooden bodies that flank them, exploring the possibilities of opening the two-dimensional aspect of painting to a three-dimensional space, demanding the same level of time from the observer as the long period of production of the works.

Among his solo exhibitions, the following stand out: "The dorsum of the tiger", Galeria Raquel Arnaud, São Paulo (2023); "Body and soul", Museu de Arte Sacra de São Paulo, São Paulo (2021); "Das conversas noturnas", Galeria Raquel Arnaud, São Paulo (2021); "Da repetição ao silêncio", FORO.space, Bogotá (2020); "Das noites uma livre sensação", Central Galeria, São Paulo (2020); "Das noites percorridas", Galeria Karla Osório, Brasília (2020); "Corpo, trajeto", Instituto Adelina, São Paulo (2019); "Corpo, breve instante", Galeria Karla Osório, Brasília (2019), and "Descarrilho", Decurators, Brasília (2018). Trevisan participated in dozens of group exhibitions in the United States, Egypt and Brazil, with emphasis on: "Um dia abri os olhos e era Brasília", Museu de Arte de Brasília, Brasília (2022); "Forever is now", Art d'Egypte, Cairo (2021); "O sertão", Slag Gallery, New York (2021); "A substância da terra: o sertão", Museu Nacional da República, Brasília (2020); and "Brasília extemporânea", Casa Niemeyer, Brasília (2018). He participated in artistic residency programs in New York and São Paulo, in addition to being nominated for the PIPA Prize in the 2019 and 2020 editions. His work is part of the collections of relevant artistic institutions, such as Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro; Museu Nacional da República, Brasília; Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro; Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto; Museu de Artes Plásticas de Anápolis, Anápolis; and Casa de Cultura da América Latina, Brasília.

João Trevisan
Gentileza Sua Estar Junto, 2023
óleo e encáustica sobre tela
oil and encaustic on canvas
38 x 33 cm
14 ⁶¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in



João Trevisan
Um Pequeno Refúgio, 2023
óleo e encáustica sobre tela
oil and encaustic on canvas
38 x 33 cm
14 ⁶¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in



João Trevisan
Vejo Você do Alto da Montanha, 2023
óleo e encáustica sobre tela
oil and encaustic on canvas
38 x 33 cm
14 ⁶¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in



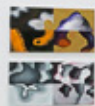


João Trevisan
Viagem para Minas, 2023
óleo e encáustica sobre tela
oil and encaustic on canvas
38 x 33 cm
14 ⁶¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in



João Trevisan
Dois Patinhos Namorando, 2023
óleo e encáustica sobre tela
oil and encaustic on canvas
38 x 33 cm
14 ⁶¹/₆₄ x 12 ⁶³/₆₄ in







Antonio Malta Campos
Sem Título, 2023
óleo sobre tela
oil on canvas
díptico, 141 x 282 cm
diptych, 55 ³³/₆₄ x 111 ¹/₃₂ in







Antonio Malta Campos
Sem Título, 2022
óleo sobre tela
oil on canvas
20 x 30 cm
7 ⁷/₈ x 11 ¹³/₁₆ in



Antonio Malta Campos
Sem Título, 2022
óleo sobre tela
oil on canvas
20 x 30 cm
7 ⁷/₈ x 11 ¹³/₁₆ in



SIMÕES DE ASSIS

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3150, S 4
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676

São Paulo

al. lorena, 2050 A
01424-006 sp brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173 A
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315